

Denise Pereira
(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3



Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-456-6 DOI 10.22533/at.ed.566190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMÓRIA EM PAUL RICOUER: MÚSICA CAIPIRA E IDENTIDADE CULTURAL DO HOMEM DO CAMPO	
Angela Maria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5661905071	
CAPÍTULO 2	12
O DIREITO AO SUFRÁGIO FEMININO NO BRASIL E NA ARGENTINA: NOTAS SOBRE DISCURSOS E LUTAS FEMINISTAS	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.5661905072	
CAPÍTULO 3	23
O PRINCÍPIO DA CARIDADE NO DISCURSO INSTITUCIONAL DAS IRMÃS DE SÃO VICENTE DE PAULO	
Melina Teixeira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5661905073	
CAPÍTULO 4	33
OS INOCENTES ÀS PORTAS: ANÁLISE SOCIAL DAS CRIANÇAS EXPOSTAS EM OUTRO PRETO, SÉCULO XIX	
Melissa Lujambio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.5661905074	
CAPÍTULO 5	45
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E TEORIA CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DE UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA PARA A DISCUSSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.5661905075	
CAPÍTULO 6	60
“PARA TODOS OS LAVRADENSES, MEU ÚLTIMO ABRAÇO E MEU ADEUS”: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA (1944-1984)	
Maria Aline Souza Guedes	
Valdenira Meneses Andrade Perone	
DOI 10.22533/at.ed.5661905076	
CAPÍTULO 7	72
ESPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ: LEITURAS A PARTIR DA TEORIA DOS PROCESSOS SOCIAIS DE NORBERT ELIAS	
Nadyne Venturini Trindade	
Bárbara Schausteck de Almeida	
Wanderley Marchi Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.5661905077	

CAPÍTULO 8 83

O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EFA JACYRA DE PAULA MINIGUITE: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Wéster Francisco de Almeida
Débora Villetti Zuck

DOI 10.22533/at.ed.5661905078

CAPÍTULO 9 100

EJA, INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA INSPIRADAS NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Jaqueline Ventura
Keilla Gomes Giron
Dayana Gomes
Daniel Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.5661905079

CAPÍTULO 10 113

CÓDIGO DE MENORES E A EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE SEU DISCURSO E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS (1927 – 1979)*

Rodrigo Teófilo da Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050710

CAPÍTULO 11 123

PERFORMANCE: PRESERVAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E REGISTRO

Joseane Alves Ferreira
Jane Aparecida Marques

DOI 10.22533/at.ed.56619050711

CAPÍTULO 12 135

REFLEXÕES DA DANÇA À LUZ DOS QUADROS SOCIAIS DA MEMÓRIA

Isis Conrado Haun
Cláudio Eduardo Félix dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050712

CAPÍTULO 13 146

RELAÇÕES ENTRE DIVERSÃO E LOUCURA: ESTUDO DA INTERNAÇÃO NO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA, 1934 A 1946

Marcelle Rodrigues Silva
Maria Cristina Rosa

DOI 10.22533/at.ed.56619050713

CAPÍTULO 14 154

REPRESENTAÇÕES DAS AMÉRICAS NO PERIÓDICO “O UNIVERSAL”, 1825-1842

João Eduardo Jardim Filho

DOI 10.22533/at.ed.56619050714

CAPÍTULO 15 164

DIOGO GOMES E OS PORTUGUESES NOS NEGÓCIOS DO SENEGAL E GAMBIA NO SÉCULO XV

André Felipe De Souza Menezes

DOI 10.22533/at.ed.56619050715

CAPÍTULO 16	171
TRAÇOS DA CIDADE: RELEITURA DOS REGISTROS DE DEBRET NO RIO DE JANEIRO	
Bruno Willian Brandão Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.56619050716	
CAPÍTULO 17	183
CIVILIZAR O CORPO AS MODAS E AS MODISTAS NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX	
Mariana de Paula Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.56619050717	
CAPÍTULO 18	192
A MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL E COMO LIDAMOS COM SUA MEMÓRIA: DIFERENTES OLHARES ENTRE QUEM MIGRA E QUEM PERMANECE EM UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CIDADE DE RESENDE COSTA-MG	
Eduardo Filipe de Resende	
DOI 10.22533/at.ed.56619050718	
CAPÍTULO 19	200
UM EXERCÍCIO À GUIA DE REFLEXÃO TEÓRICA: DIFERENTES INTERPRETAÇÕES ACERCA DO POPULISMO NO BRASIL E SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
Patrícia Costa de Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.56619050719	
CAPÍTULO 20	212
UMA SÍNTESE DO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA NO BRASIL: SEUS ATORES E SUAS PRÁTICAS	
Cássia Regina da Silva Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.56619050720	
CAPÍTULO 21	221
VESTÍGIOS DO PASSADO NAS PÁGINAS DOS IMPRESSOS JORNALÍSTICOS	
Simone Bezerril Guedes Cardozo	
DOI 10.22533/at.ed.56619050721	
CAPÍTULO 22	229
REFLEXÕES ACERCA DO MITO DE SÃO TIAGO: HAGIOGRAFIA E OS MILAGRES DO <i>LIBER SANCTI JACOBI</i>	
Cristiane Sousa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.56619050722	
CAPÍTULO 23	244
O CARNAVAL NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM - PA: ASPECTOS ESTRUTURAIS E ORGANIZACIONAIS	
Carlindo Silva Raiol	
Jeanny Marcelly Barreto Bentes	
DOI 10.22533/at.ed.56619050723	

CAPÍTULO 24 253

O ENSINO DE HISTÓRIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA E SUA INTERAÇÃO COM AS NOVAS
TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NDTIC)

Otiliana Farias Martins

Maria Zilah Sales de Albuquerque

Carlos Alberto dos Santos Bezerra

André Magalhães Boyadjian

DOI 10.22533/at.ed.56619050724

SOBRE A ORGANIZADORA..... 264

A MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL E COMO LIDAMOS COM SUA MEMÓRIA: DIFERENTES OLHARES ENTRE QUEM MIGRA E QUEM PERMANECE EM UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CIDADE DE RESENDE COSTA-MG

Eduardo Filipe de Resende

Licenciado em História em 2010 UFV e bacharel em 2011 pela mesma instituição.

Belo Horizonte –Minas Gerais

RESUMO: Este trabalho discute as migrações internas no Brasil tendo como corte espacial a cidade de Resende Costa e como corte temporal o período que corresponde as décadas de 1950 até 1970 e como as memórias das pessoas que viveram este acontecimento compreendem este evento. Esta memória e as ressignificações que estas pessoas construíram nos da a possibilidade de compreender este lugar como um lugar de memória.

PALAVRAS-CHAVE: migrações; família; relações; memória.

THE INTERNAL MIGRATION IN BRAZIL AND HOW WE DEAL WITH ITS MEMORY: DIFFERENT LOOKS BETWEEN THAT MIGRATES AND REMAINS IS A CASE STUDY ABOUT THE CITY OF RESENDE COSTE-MG

ABSTRACT: This work discusses the internal migrations in Brazil having as spatial cut the city of Resende Costa and as temporal cut the period that corresponds to the decades of 1950 until 1970 and how the memories of the people who lived this event comprise this event. This memory and the resignifications that these people have built give us the possibility of

understanding this place as a place of memory.

KEYWORDS: migrations; family; relations; memory.

Primeiramente este trabalho tinha como intenção dissertar sobre as relações estabelecidas entre migrantes e pessoas que não migraram, mas que de alguma maneira manteve fortes laços com migrantes e que foram fortemente influenciados pela migração, apesar de não migrarem. Isto ocorre, pois entendesse que pessoas que não migraram, mas mantiveram fortes laços de diversas naturezas, familiares, econômicos, afetivos ou outros, com grupos migrantes também foram afetados pela migração mesmo sem ser um migrante. Esta intenção não se perdeu, mas leituras posteriores, algumas delas indicadas no simpósio da EPHIS levou a perceber novas possibilidades que fizeram com que esta pesquisa se alargasse para novas temáticas. A primeira é a reflexão sobre a memória e por meio dela cheguei as discussões de lugar de memória.

Sendo assim, a proposta deste texto é um pouco ousada, pois pretende relacionar duas situações que muitas vezes são vistas como antagônicas, são elas: o conceito de lugar de

memória, muito associado a temáticas mais pessoais e grupos menores de pessoas, com um acontecimento de massa que podemos relacionar a contextos mais amplos que envolvem contingentes muito expressivos de pessoas chegando ao número de milhões de indivíduos envolvidos. O contexto que estou me referindo é as migrações internas no Brasil entre as décadas de 1950 até o final da década de 1970, mas focando em como este contexto afetou particularmente uma localidade transformando em um lugar de memória. O caso específico do qual estou remetendo é a pequena cidade de Resende Costa, na qual este evento relaciona e contrapõe diferentes gerações, o transformando em um lugar de memória se levarmos em consideração o que Pierre Nora chama de “região-memória” como se pode ver em:

Desde os lugares mais naturais, oferecidos pela experiências concretas, como os cemitérios, os museus, e os aniversários, até os lugares mais intelectualmente elaborados, dos quais ninguém se priva; não somente a noção de geração, já evocada, de linhagem, de “região-memória”. (NORA, 1993, p.9)

Esta cidade foi palco de uma intensa migração, um verdadeiro êxodo rural entre as décadas de 1950 e 1970 que fez, parte considerável das pessoas que lá viviam, decidir partir para outras cidades, principalmente São Paulo e em segundo lugar Belo Horizonte, em busca de melhores oportunidades de emprego e dentro do contexto de transformação que levou o Brasil a passar de um país essencialmente rural em 1950 para um país majoritariamente urbano na década de 1980. Podemos perceber isto por meio de várias referências, entre elas o próprio IBGE que em um relatório inclui esta localidade dentro das regiões de evasão populacional na década de 1970 (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1970). Podemos afirmar que o Brasil estava passando por uma verdadeira revolução urbana se considerarmos o que autores como Itamar de Souza (1980); e Paulo Fontes (2008) dizem, sem contar outros autores, pois gigantescos contingentes populacionais se deslocavam de pequenas cidades e áreas rurais para as grandes cidades em busca de uma vida melhor ou “expulsos” do campo (existe uma controversa sobre isto). Ainda quanto a estes valores, mas agora nos restringido a apenas um tipo de migração, a que ocorre do campo para a cidade, Novais e Mello apresentam dados que impressionam, como;

Foi assim que migraram para as cidades, nos anos 50, 8 milhões de pessoas (cerca de 24% da população rural do Brasil em 1950); quase 14 milhões, nos anos 60 (cerca de 36% da população rural de 1960); 17 milhões, nos anos 70 (cerca de 40% da população rural de 1970). Em três décadas, a espantosa cifra de 39 milhões de pessoas. (MELLO, 1998, p.581)

Estes grandes números referentes a migração se justificam pela ideia de que os migrantes acreditavam em uma vida melhor no lugar de destino é percebida em João M. Cardoso de Mello e Fernando A. Novais, quando estes se referem à migração do campo para a cidade, como abaixo explicitado:

A vida da cidade atrai e fixa porque oferece melhores oportunidades e acesso a um futuro de progresso individual, mas também, porque é considerada uma forma superior de existência. A vida no campo, ao contrário, repele e expulsa.(MELLO, 1998; NOVAIS, 1998, p.586)

É importante observar, desde já, que tais autores referem-se à conjuntura específica das décadas de 1950 a 1970, anos em que o Brasil vivenciou um acentuado processo de urbanização, com expressivo êxodo rural, em decorrência de políticas de desenvolvimento. Mas tanto Souza quanto Cardoso de Mello & Novais não restringem suas análises aos aspectos estritamente econômicos do fenômeno ou às motivações exclusivas de cálculo racional ou estratégico, uma vez que consideram também sua dimensão simbólica, os significados da migração e que isto representa, no plano ideológico, em termos de mobilidade e ascensão social.

Em alguma medida, esta postura também foi adotada em uma obra escrita por diversos autores, na qual D. Angélico Sândalo Bernardino assina sua apresentação. Para o autor, o migrante rural seria um sujeito que se encontra em uma circunstância delicada em termos sócio-econômicos, sentindo-se obrigado a sair de sua terra por se encontrar em circunstância de miséria em que é colocado injustamente, como podemos observar no trecho que se segue:

Somos um Povo migrante. O brasileiro - aos milhões - vive um êxodo forçado. Habitantes de país rico, de imensas extensões, o brasileiro, sem casa, nem terra, vai atravessando desertos, em busca da "terra prometida", que o egoísmo de poucos lhe rouba. (...) "ninguém abandona onde estão fincadas suas raízes, se ali existem as condições elementares para uma vida digna e a satisfação das necessidades materiais para tanto"(BASSEGIO, 1980; CARVALHO, 1980, p,7).

Mas a simples inclusão desta localidade como um exemplo das migrações que estavam acontecendo em, praticamente, todo o país neste período não a faz um lugar de memória. Então o que incluiria esta localização no conceito de lugar de memória? Pois bem, o que inclui é o modo como às pessoas encaram seu passado e a relação que esta localidade tem com este modo de percebê-lo. Parte das pessoas que passaram por esta situação nesta cidade criaram uma visão e uma memória afetiva e específica sobre seu passado relacionando este com esta localidade, mesmo que muito delas não morem mais lá. Pois bem, tal como Nora, entendemos que a memória é algo vivo e espontâneo que, apesar de fazer referência ao passado, esta aberta às mutações decorrentes das mudanças de concepções e símbolos próprias da passagem do tempo e se contrapõe a história que é algo construído por meio do esforço e o contato com as fontes, menos mutável e sensível às individualidades, pois não se baseia na livre lembrança e hábitos, mas necessita de métodos e metodologias próprias do historiador para serem construídas.(NORA, 1993, p.9). Os lugares de memória não teriam nem a espontaneidade das memórias, nem seriam a pura construção histórica

da realidade, estariam em uma outra categoria na qual estas duas situações estão relacionadas, pois consistiriam em uma construção com o intuito de não permitir o esquecimento de certas memórias e até mesmo moldar uma certa memória como podemos perceber na seguinte citação:

“Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. (...) Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos (...) porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p.12-13)

Trabalhamos aqui com contextos que remetem tanto a memórias individuais, pois cada um destes migrantes tiveram sua trajetória particular sobre o processo migratório, mas também existe uma relação coletiva, pois houve redes de migrantes e a situação vivida individualmente por um guarda relação com diversas situações vividas por muitos outros indivíduos. Quanto à relação entre memória coletiva e individual Pollack, fazendo uso de Halbwachs, diz que é necessário tomar cuidado em relação à memória para que saibamos negociar entre a memória coletiva e a individual. (POLLAK, 2008, p.1)

Entretanto, antes de sigamos com a adequação desta temática ao conceito de lugar de memória se faz necessário esclarecer qual a origem desta temática e quais os métodos e metodologias utilizados para elabora-la. Este texto foi fruto de um trabalho anterior no qual eu pretendia , por meio da micro-história, falar sobre contextos individuais, mas que pudessem se relacionar com outros contextos mais amplos, pois tal como Giovanni Levi compreendemos que as histórias individuais nunca estão isoladas e fazem parte de um contexto abrangentes, dizem algo sobre o mundo que estão inseridos e não só sobre elas mesmas e seu contexto mais restrito(LEVI,2000,p.265). Dentro desta temática entendemos que as relações vividas nas migrações dos resende-costenses não estão isolada do contexto vivido pelo Brasil como um todo na época, e assim com Lepetit argumenta os casos e situações particulares vividas por certas comunidades não estão isoladas e sim são reflexo de contextos maiores dos quais ela são reflexo. (LEPETIT, 1997, p.77) Mesmo que muitas vezes se trate de casos particulares que, a principio, parecem não apresentar interesses para contextos mais amplos é desta maneira muitas vezes e, apenas desta, que se consegue chegar a certas questões que ao serem resolvidas nos dão a dimensão de contextos maiores. (BENSA, 1998, p.43)

A micro-história não é uma história contrária à história mais abrangente ou macro, ela não disputa lugares com este campo, esta perspectiva analítica busca o individuo na história e toma cuidado de diferenciar os níveis de interpretação existentes dentro do contexto analisado. Busca não confundir a situação vivida pelas pessoas com os contextos históricos em que estes estão inseridos, entretanto entende que estes níveis se relacionam. (BENSA,1998,p.45) Não quero aqui desconsiderar as fontes de caráter

macro como o relatório do IBGE já apresentado, mas entendo que as relações sociais tem várias camadas e que para podermos ter contato com todas e termos uma visão mais abrangente da história temos que multiplicar nossos pontos de vista. Rosental argumenta muito bem em relação a isto como podemos perceber em:

(...) multiplicar os ângulos de abordagem é o recurso mais fecundo para a historiografia. Nessa perspectiva, a multiplicidade das escalas de observação e as imagens contraditórias que elas secretam servem não apenas para produzir conhecimentos novos, mas também para mostrar seu caráter sempre limitado e parcial. Mas nenhuma das escalas de análise possíveis é em si detentora de um poder da análise privilegiado. (ROSENTAL, 1998, p.152)

Para que este trabalho fosse realizado também foi feito uso de metodologia de história oral, pois as pessoas que viveram a situação por nós pesquisada não deixaram muitos vestígios escritos ou de outra natureza para além do que esta em suas memórias. Acreditamos que como Lucilia de Almeida Neves Delgado argumenta a história oral é uma metodologia que busca construir fortes de maneira bastante abrangente como se pode perceber em:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas individualizadas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (...) é um procedimento premeditado de produção de conhecimento, que envolve entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem da gravação. (DELGADO, 2006, p.13-14)

Entretanto é bom deixar claro que, assim como Thompson, (2002, p.104) compreendemos que o foco não deve ser no método e sim na temática, sendo assim, escolhemos a metodologia de história oral, pois ela nós dava melhor respostas para as questões que pretendemos responder. Deste modo podemos concluir que a história oral tem a peculiaridade de produzir suas próprias fontes por meio das entrevistas orais o que abre possibilidades e questionamentos que não faz dela melhor ou pior que outras metodologias, mas com certeza dá a ela características distintas das demais e que por isto deve ter um olhar próprio para com ela.

Outra importante categoria analítica que fizemos uso em nosso trabalho é a de redes sociais. Ela está presente desde o princípio da pesquisa, quando percebemos que eram tais redes que não apenas dinamizam o êxodo, mas também os fluxos e vínculos com a localidade de origem. Barnes refletiu sobre esta categoria analítica e afirmou que na vida real toda pessoa se relaciona com outra ou com outras e que estas relações formam conexões complexas que se entrelaçam e entrecruzam. Estas redes são formadas de diversas maneiras, por variadas motivações, e nelas existem diversos indivíduos com diferentes funções. Estes vão desde o indivíduo alfa, que é o elo principal de manutenção da união de um grupo, até indivíduos que possuem

apenas a função de ligar uma pessoa a outra. (THOMPSON, 2002, p.177-191)

Parte considerável das pessoas nascidas nesta cidade não vivem mais lá, mas fazem parte de redes de sociabilidade ligadas a esta cidade e visitam a cidade regularmente demonstrando com isto um certo saudosismo com um passado, mesmo que, de certa maneira, perceba que este passado já não encontra correspondentes na realidade da cidade que mudou muito e se tornou, apesar de ainda ser uma cidade pequena, muito diferente do que era a mais de 40 anos. Esta situação é percebida em uma entrevista no qual o entrevistado diz que: “A gente tem muita saudade do lugar, mas, a tudo mudou .. a gente acha que tem saudade do lugar, mas na verdade, na verdade a gente tem saudade do tempo, do tempo que a gente era novo” (Entrevista com Celso Teodoro de Resende em Aparecida SP no dia 26\06\2017). Estamos lidando com memórias afetivas, ligadas ao ideal de várias pessoas de uma vida rural ou de um tempo e espaço que não existe mais, tal como era, e esta em constante transformação físicas, mas também simbólicas.

Outro elemento que corrobora com este argumento é a existência de uma página no facebook chamada: RC FOTOS HISTÓRICAS que divulga fotos antigas desta cidade que ganham um novo significado e que podem corresponder muito mais a um ideal de tempo e vida no passado, que não necessariamente teria relação com a realidade vivida por estas pessoas na época, mas que busca em fotos e evidências concretas do passado meios para fazer manter esta memória viva no presente. Desta maneira o caso concreto da cidade de Resende Costa parece se encaixar perfeitamente na definição de Pierre Nora quando o mesmo argumenta que:

Sem vigilância comemorativa, a história depressa se varreria. São bastiões aos quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, se a história não se apoiasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrifica-los eles não se tornariam lugares de memória. (NORA, 1993, p.13)

Situação que também nós faz lembrar a argumentação de Hobsbawn (2008, p.9-23) quando este diferencia costumes de tradições, dizendo que o primeiro esta ligado as coisas do dia-a-dia das pessoas, fazem parte de seus afazeres diários e por isto são revividos de maneira espontânea sem a necessidade de “força-los” e por consequência também mais propensos a mudanças de acordo com as novas realidades. (HOBSBAWN, 2008, p.9-23) Pois bem, como já discutimos antes, o conceito de memória aqui apresentado entende esta como as lembranças vivas na mente das pessoas, que surgem de maneira “espontâneo” e ligadas a sua vida diária, comum e que, por isto mesmo, propensas a mudanças quando os símbolos e os significado do cotidiano mudam. Dentro desta mesma linha de raciocínio podemos comparar o conceito de tradições de Eric Hobsbawn (2008) com o conceito de lugar de memória de Pierre Nora, (1993), pois assim como os lugares de memória as tradições são

construídas para se remeter a um passado, não podem sofrer mudanças constantes de acordo com os novos acontecimentos com o risco de perder sua legitimidade, pois remetem a situações ou valores que já não são espontâneos e presentes no cotidiano das pessoas.

Com isto, outra novidade que ocorreu somente depois da apresentação foi à tomada de conhecimento que existe um recurso ainda não trabalhado que pode ser muito útil para futuras pesquisas que são a existência de uma grande quantidade de fotos sobre o período de nosso interesse que ainda não foi explorado. Estas fontes estão na mão de particulares e tomei conhecimento delas pelo site da internet já mencionado. As fotografias trazem muitos elementos interessantes para a nossa análise, um deles merece destaque. Este elemento é que as imagens foram feitas por indivíduos de maneira espontânea para guardar algumas recordações que apreciavam ou passar uma imagem entendida como positiva. Desta maneira, ponderou-se que estas imagens são um rico instrumento para se estudar os valores e gostos destes indivíduos. De acordo com Maria Eliza Linhares Borges existem elementos na fotografia que fogem ao planejado, detalhes não percebidos pelos fotógrafos nos ajudam a compreender significados relevantes para as nossas indagações. (BORGES, 2005, p.51-52)

Deste modo concluímos que o caso específico de Resende Costa- MG e como seus habitantes se relacionaram com as migrações internas para as grandes cidades entre as décadas de 1950 até 1970 faz desta localidade um lugar de memória. Isto ocorre, pois apesar desta situação ter relação com um contexto mais amplo, existe algumas singularidades, uma vez que, este trabalho remete a memórias individuais, mas que se relacionam de maneira coletiva, ou seja, existe uma noção de comunidade muito relacionado a outros dois conceitos que são de vida rural e união de família além disto ocorre um esforço nesta localidade para preservar esta memória que não se perpetuaria de maneira espontânea o que faz dela um lugar de memória.

REFERÊNCIAS

BARNES, J.A. Redes sociais e processo político. p.178. IN: BIANCO, Bela Feldman (Org) **Antropologia das Sociedades** Contemporâneas: Métodos. Ed: UNESP, 2010.

BENSA, Alba In: Jacques (Org). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Trad: Dora Rocha – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte. Ed: Autentica, 2006.

FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**.Rio de Janeiro:Editora FGV,2008.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (org). **A invenção das tradições**. 6.ed. SP: Paz e Terra, 2008.

IBGE, Áreas de atração e evasão populacional **no Brasil no período de 1960-1970 (4)** Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas_ Rio de Janeiro: IBGE.

LEVI, Giovanni. **A herança Imaterial**. Trad. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

LEPETIT, Bernard. In: Jacques (Org). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Trad: Dora Rocha – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MELLO, João Manuel Cardoso de ; NOVAIS, Fernando A, In: Fernando A (org geral) SCHWARCZ, Lilia Moritz (org volume). **História da Vida Privada no Brasil; v4**. São Paulo: companhia das Letras, 1998.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tad: Yara Aun Khoury. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. 1989. In: www.cpdoc.fgv.br/ . 15 de novembro de 2008.

SOUZA, Itamar de. **Migrações Internas no Brasil**. Petrópolis: Vozes Ltda, 1980.

ROSENTAL, Paul-André In: REVEL, Jacques (Org). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Trad: Dora Rocha – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. 3º Ed Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-456-6

